

DESIGUALDADE NA PANDEMIA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS AULAS REMOTAS EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS NO MUNICÍPIO DE CUIABÁ

Loedilza Milicia da Silva (PPGE/UFMT) loedilza10@gmail.com

Luiz Augusto Passos (PPGE/UFMT) passospassos@gmail.com

GT 14: Movimentos Sociais e Educação

Resumo:

Sou professora de Geografia há 21 anos na Educação Básica atuando em escolas públicas e privadas do município de Cuiabá. Durante esse período, vivenciei enormes desigualdades sociais, mas nunca deixei que isso atrapalhasse as aulas. No entanto, a pandemia de Covid19, fizeram com que as aulas tivessem que ser realizadas com a utilização de recursos tecnológicos evidenciando a desigualdade de acesso a esses recursos por muitos dos meus alunos da escola pública. Este artigo tem por objetivo demonstrar como a desigualdade ao acesso de recursos tecnológicos (internet, computadores, celulares e tablets) influenciaram nas aulas dos estudantes das escolas públicas e privadas, durante o período de pandemia. Para dar suporte a este texto, nos pautamos na compreensão da fenomenológica merleauPontiana, associada a Construção Compartilhada de Conhecimentos, que é um método apresentado na Política Nacional de Educação Popular, cuja base se concentra na dialogicidade defendida por Paulo Freire, pela qual a “educação ocorre com os (as) outro (as) e não para os (as) outros (as)”. A partir dessa compreensão mostramos como a desigualdade social influenciou na construção de conhecimentos de estudantes das escolas públicas e privadas no município de Cuiabá, e possíveis buscas de superá-la, a partir da ótica fenomenológica de Merleau-Ponty.

Palavras-chave: Educação. Desigualdade social. Uso de tecnologia. Pandemia de Covid19.

1 Introdução

Em seu livro “Pedagogia do Oprimido” (1987), Freire assim se expressa “Se a Educação sozinha não muda a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (p. 31). Paulo Freire explicitou que a educação é uma das maiores necessidades de qualquer sociedade, visto que a educação transforma as pessoas e as pessoas, a partir disso, são responsáveis pela transformação do mundo.

Sabemos que a educação no nosso país nunca foi fácil para estudantes e professores (as) das escolas públicas, que sempre enfrentaram grandes dificuldades, como falta de recursos, infraestrutura precária, falta de diversificação no material didático disponível, formação deficitária de alguns professores (as) e falta de interesse de grande parte dos estudantes. Passos (2003, p.15) dialoga que “A grande tarefa da pedagogia, desde sua matriz grega, e sua fonte de inspiração originária, é a produção das humanidades no tempo e para o tempo, para realizar a felicidade pessoal e coletiva”. Então educação é muito mais que dar aula, ela é a construção

contínua e ininterrupta de conhecimento para o bem de todos, mesmo sob as dificuldades encontradas diariamente.

As nossas certezas tornaram-se frágeis nesse momento que estamos passando. A pandemia de Covid19, sem precedentes na história moderna, que teve início em 2020 e perdurou em 2021, agravou ainda mais os problemas enfrentados na educação, pois evidenciou as desigualdades entre o sistema público e privado.

Nossos estudantes da escola pública, são na sua maioria de baixa renda e não possuem acesso à internet de qualidade. Assim, muitos não conseguem assistir as aulas remotas, sendo necessários que o ensino fosse aplicado pela utilização de apostilas, onde poucos alunos conseguiram assistir as aulas virtuais e outros tantos desistiram de estudar. Essa dura realidade terá um grande impacto no processo de aprendizagem de um grande número de alunos de escola pública, na sua vida profissional e conseqüentemente no futuro do país.

Em 08 de julho de 2021, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacional Anísio Teixeira (INEP) divulgou uma pesquisa realizada através do censo escolar nos anos de 2020 e 2021, com a participação de 168 mil e 739 escolas de todo Brasil, o que representa cerca de 94% dos estabelecimentos de ensino, sendo 134 mil 606 escolas públicas e 34 mil e 133 escolas privadas. Os dados dessa pesquisa demonstraram que aproximadamente 99,3% das escolas públicas e privadas em todo país suspenderam as atividades presenciais no ano de 2020 e passaram a ministrar as aulas de forma remota. Algumas ocorreram com o uso de plataformas digitais como o Google Meet ou o Zoom e outras com a utilização de aplicativos como WhatsApp.

Ao comparar a utilização dessas ferramentas tecnológicas entre escolas públicas e particulares, as aulas de forma remota prevaleceram nas escolas particulares enquanto que nas instituições públicas a maioria dos nossos estudantes receberam as aulas apostiladas, tendo em vista que muitos não têm acesso à internet em casa e outros sequer possuem aparelho celular, tendo que usar compartilhado com outros membros da família, como os pais ou irmãos.

A comunicação, seja entre escola e família ou entre estudantes e professoras (es), também passaram a ser realizadas através de mídias digitais como redes sociais, aplicativos de mensagens, e-mail e telefones. Ressalta-se, no entanto, que a comunicação em muitos momentos era dificultada, pois os estudantes e/ou família, principalmente nas escolas públicas, trocam de número com muita frequência, perdem ou estragam os aparelhos, e muitos não possuem e-mail.

Nas escolas particulares, as aulas, desde o primeiro momento de enfrentamento da pandemia de covid19 sempre ocorreram de forma remota nas plataformas digitais (Google Meet ou Zoom) e a comunicação com os estudantes e com a família aconteceu com mais dinamismos, visto que esses têm acesso as diferentes mídias digitais e e-mail.

Na construção ideal do conhecimento a partir das ferramentas disponíveis, o mais difícil durante todo esse período em abas as instituições, foi o processo de afastamento social, porque o conhecimento é melhor construído na interação, na troca e no olho no olho.

2 Desigualdade em números

As desigualdades econômicas e social existem em todos os lugares, mas em países subdesenvolvidos ou emergente como o nosso, essa realidade é ainda maior e mais cruel. E as ações antidemocráticas e neoliberais dos últimos anos agravaram ainda mais esse quadro, segundo dados demonstrados pelo IBGE.

De 2018 para 2019, a pobreza medida pela linha de US\$ 5,5 PPC caiu de 25,3% para 24,7% das pessoas. Já a extrema pobreza (US\$1,90 PPC) se manteve em 6,5% da população, em 2018 e em 2019, afetando mais da metade dos nordestinos e 39,8% das mulheres pretas ou pardas. O índice de Gini (0,543) caiu em relação a 2018 (0,545).¹

Existem outras desigualdades referentes a de raça/etnia e gênero. Dados do PNAD² (2020) confirmam que o percentual de brancos que se declararam pobres foi de 14,7%, enquanto entre os pretos e pardos, esse índice subiu para 32,3%. A pesquisa, ainda constata que mulheres pretas ou pardas representam 39,8% das pessoas em extrema pobreza no país!

Essa desigualdade acaba sendo refletida na educação. Segundo dados da pesquisa, em 2019 apenas 7,6% dos jovens pertencentes as famílias de menor rendimento haviam completado o ensino superior. Esses são oito vezes maiores entre os jovens de maior renda. Referido à raça/etnia os pretos e pardos representam 63,9% entre os estudantes da rede pública, já na rede particular essa porcentagem cai para 35,7%.

¹ Adaptado de: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29431-sintese-de-indicadores-sociais-em-2019-proporcao-de-pobres-cai-para-24-7-e-extrema-pobreza-se-mantem-em-6-5-da-populacao>. Acesso 28 ago. 2021

² Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio: é uma pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), de periodicidade anual, em que os dados de um ano refletem a pesquisa do ano anterior. Essas pesquisas são realizadas em todas as cinco regiões brasileiras e refletem características gerais da população com dados de educação, trabalho, rendimento e habitação.

Os dados nos permitem constatar o que já era percebido diuturnamente nas escolas durante as nossas atividades laborais. Refletem a desproporção da desigualdade observada. A pandemia da Covid19 acabou por escancarar ainda mais essa realidade perversa, em que o país já vem sofrendo há vários anos com a redução na taxa de emprego, menor incentivo no setor social, como saúde e educação, perda de direitos já conquistados como aposentadorias justa, direito à moradia, a terra e trabalho digno. Esse fenômeno político gerado, criado pelo capital pela acumulação, pelo uso e roubo do estado, colocando este a serviço de um radical liberalismo econômico e retrocesso social.

Quando a pandemia se alastrou por todo o país, vários setores suspenderam suas atividades, tais como fábricas, comércio, serviços públicos, prestadores de serviços e escolas, ficando apenas os serviços considerados como essenciais funcionando normalmente. Isso fez com que muitas empresas não conseguissem manter seu quadro de funcionários, o que acarretou no crescimento do desemprego. Além disso muitos trabalhadores informais, impedidos de desenvolver suas atividades, ficaram sem renda alguma e passaram a depender de auxílio do governo e/ou ajuda de familiares. Os mais ricos ficaram em casa cumprindo a quarentena recebendo seus salários, enquanto que os mais pobres e desempregados ficaram dependendo de um auxílio emergencial miserável fornecido pelo governo federal.

A desigualdade que estava em parte mascarada no nosso país, tornou-se evidente, e evidenciou também a desarticulação entre os governos federal, estaduais e municipais que passaram a disputar quem seriam os culpados pelo aumento das mortes ocasionadas pelo Covid19. Discutiam ainda se deveriam decretar ou não lockdown, se era necessário ou não o uso de máscara, se o uso de medicamentos não comprovados funcionavam ou não funcionavam no tratamento da Covid19. Tudo isso, aliado a falta de respeito de uma grande parcela da população em relação ao distanciamento social, culminou na morte de mais de 580 mil pessoas no Brasil.

Igualmente, recusamos a acreditar que seja um coronavírus “socialista ou democrata” por contaminar todos sem distinção de classe, raça ou credo. Sua forma de contágio pode ter uma cartografia universal, contudo, o índice de mortes é violentamente maior nas periferias, e expressa, novamente, a geografia da fome. Democracia só existe quando as condições de acesso médico forem iguais, quando os trabalhadores conseguirem comprar seus remédios, ou quando as máscaras forem de preços acessíveis a toda população. (SATO, 2020, p. 11)

Ao analisarmos os dados escancarados pela pandemia do Covid19, constatamos a crueldade da desigualdade socioeconômica da população brasileira, e partir disso, podemos afirmar que não existe democracia no país para o enfretamento dessa doença, pois foram poucos

os que tiveram acesso ao tratamento adequado, ao medicamento ou mesmo a uma renda mínima que fosse suficiente para sobreviver com dignidade.

Faltou de tudo nesse período, desde testes rápidos, leito de UTI e até remédio para sedação de dor, inclusive ficou evidente a falta de articulação e bom senso dos governantes para resolverem problemas comuns. Faltou ainda, ética de muitos empresários e funcionários públicos do alto escalão que superfaturaram remédios e vacinas, faltou respeito de alguns cidadãos que insistiam em não usar as máscaras e que se reuniam em festas clandestinas ocasionando aglomeração, outros ainda usaram de forma ambígua o disfarce de um poder de Deus, que salvaria aos que quisesse, mesmo sem uso do cuidado necessário à saúde que cabe a todos do ponto de vista civil e mesmo do ponto de vista dos que tenham fé. No final das contas, os mais prejudicados foram os pobres, aumentando, portanto, o problema com a desigualdade em nosso país.

3 Desigualdades nas escolas

A pandemia de Covid19 causou muitas transformações em todos os setores da sociedade. Mudou a forma de interação entre as pessoas, interferiu nas relações interpessoais, remodelou as interações laborais e transformou a escola. As aulas foram suspensas. Após um período de quarentena, que foi mais longo nas escolas públicas em relação as particulares, ocorreu a retomada do ensino, na forma remota.

Como citado anteriormente, as escolas particulares conseguiram se adequar de forma bastante rápida a essa nova realidade. Nesses estabelecimentos, a maioria das salas já possuíam computadores, sendo necessário apenas a adequação de câmeras (webcam) para que as aulas passassem a ser transmitidas, normalmente via Google Meet, sendo estas gravadas, possibilitando que os estudantes pudessem acessá-la quando quisessem.

Já as/os professoras/es que preferissem, poderiam executar e transmitir suas aulas de casa, desde que usassem computador e internet pessoal. Sendo que a maioria dos estudantes desses estabelecimentos contam com uma melhor condição social, possuem internet de boa qualidade em casa, além de computadores, tablets e celulares para assistir as aulas on-line.

No caso das escolas públicas estaduais, houve uma demora maior para que conseguissem se organizar. Foram quase três meses em que o aluno não teve acesso com nenhuma formato

que suprisse as aulas regulares, entendidas em processos de educação com qualidade³. No retorno às aulas finalmente, elas ocorreram de forma remota. Porém, não houve organização de ambiente nas escolas para as transmissões das aulas. Cada educador tinha que se organizar com seu próprio computador e internet pessoal⁴. Nossos estudantes das escolas pública, em sua maioria, também não possuíam acesso à internet de boa qualidade em casa. Muitos sequer possuem computadores, tabletes ou celulares, para que pudessem assistir as aulas.

Relatos de pais e alunos escancaram a triste realidade de que esses equipamentos eletrônicos eram compartilhados entre os membros da família. Sabendo da dificuldade imposta pela desigualdade social no ambiente escolar de instituições públicas, buscando, aparentemente atingir o maior número de estudantes possível nessas escolas, as professoras (es) utilizaram-se de várias ferramentas de trabalho e acesso; e, as aulas virtuais passaram a ser transmitidas via plataformas do Google Meet e Zoom ou por grupos de WhatsApp criados para cada turma. Além disso, elaboramos apostilas com os conteúdos para os estudantes que não tinham acesso à internet. Aumentando em muito o tempo de trabalho para nós professoras (es),

4 Vida de professoras/es? Antes e durante a pandemia

A educação é um ato muito complexo de se desenvolver a contento, sobretudo porque a diferença social, a cultura variegada, os locais e circunstâncias, as questões raciais, linguísticas, simbólicas, as estórias do cotidiano e suas interpretações, mudam sobretudo a partir da referência espaço-temporal e territorial.

Acerca do nosso papel na sociedade, e de mudanças estruturais ocorridos em tempos curtos, que alterou compulsoriamente nossos papéis como educadoras/es e os papéis induzido aos alunos, sem tempo para poder aceitar como escolha necessária. Para Freire (1996, p. 25) destaca que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção e construção”. Contudo, as mutações feitas na educação, não escolheram ou acolheram estas formas induzidas em defesa dos sistemas, não ignorando os papéis das professoras/es e das/os alunas/os. Por outro, não foi uma necessidade de fato que mudou as formas de educação, mas não raro, as formas educacionais voltadas para os interesses dos setores empobrecidos lhes foi imposto, sem debates e adequação que oferecessem entre muitas

³ Este artigo faz referência as escolas públicas e privadas do município de Cuiabá, onde atuo como professora da Educação Básica.

⁴ Em 2021 o governo do Estado forneceu uma linha de crédito para professores comparem computadores e planos de internet.

possibilidades, a melhor. Essa realidade pode nos ajudar estimular a buscar a educação melhor possível, pela necessidade de muda-la, e oportunizar o trabalho coletivo em roda de conversar, com alunos/as, professoras (es), pais e mães, servidores/as, enfim ouvir a comunidade em sua complexidade, e estipular uma construção contínua, adequando aulas, currículos, meios, acesso, como uma construção contínua, a cada realidade diferente que precisar ser enfrentada.

Aulas remotas, on-line e gravadas, já eram uma realidade muito antes da pandemia. Eram frequentes nas universidades, nos chamados cursos EAD (Educação a Distância). Alguns cursos ministrados com aulas pela televisão, principalmente para trabalhadores, como os telecursos ou via rádio para lugares mais distantes, também já utilizavam desta metodologia de ensino. Essa realidade, todavia, não era para a maioria de nós professoras (es) das escolas regulares.

Em 20 anos de magistério, já sabia exatamente como dar aula. Apesar das minhas aulas nunca serem iguais de um ano para o outro ou de uma sala para a outra, eu sabia muito bem como dar aula e conseguia construir conhecimento junto com esses estudantes. E essa construção do conhecimento eu constatava com eles na prática e nos momentos de avaliações, sejam elas institucionais ou não.

Por isso, quando as aulas retornaram no segundo semestre de 2020, nas escolas públicas, de forma remota, ficamos todos perdidos como fazê-las. Havia uma enorme pressão para que nós - professoras/es - criássemos aulas utilizando mídias eletrônicas para disponibilizar aos estudantes. Não sabíamos como fazer isso. Era uma nova realidade que a maioria nunca tinha feito.

Eu sabia dar aula, mas eu só sabia fazer de forma presencial, porque para mim, sempre a aula era o envolvimento, o olho no olho! Isso me permitia avaliar se eles estavam compreendendo o que eu estava falando. Essa concepção se coaduna com as orientações teórico-metodológicas de Maurice Merleau-Ponty (2006, p. 3) pois ele acreditava que “todo universo da ciência é constituído sobre o mundo vivido[...]”.

A percepção de mundo vivido defendida por Merleau-Ponty nos faz refletir sobre a questão de ensino e aprendizagem. Sempre, para mim, foi importante olhar no olho dos estudantes, para saber se o que eu estava a ensinar poderia se tornar aprendizado significativo.

Em escolas particulares, sempre gostei muito das aulas de campo, no laboratório de informática, a construção de maquetes nas aulas de geomorfologia, júri simulado nas aulas de geopolítica, aulas invertidas e tudo mais que a imaginação me permitia de dinâmicas com provocação de temas que enriquecessem os sentimentos e as vivências.

Na escola pública tentava realizar as atividades com mesmo aprofundamento, mas muitas vezes não tínhamos acesso ao laboratório de informática e quando tinha: a internet era ruim! Construir maquetes também não era algo fácil. Muitas/os e alunas/os não tinham como comprar material necessário e, se eu comprasse para uma sala, tinha que comprar para todas. Com salário de professor, infelizmente não era algo possível. Apesar dessas dificuldades, sempre me senti mais livre para sair com os estudantes e trabalhar no entorno da escola.

Durante as aulas de cartografia, saía no bairro mapeando a rua juntamente com a professora de matemática e os estudantes ficavam extasiados, apesar de ser bem trabalhoso controlá-los fora da sala de aula. Tinha certeza que o conhecimento era bem maior. Nas aulas de biomas, a parceria era feita com a professora de ciências, e utilizávamos das hortas existentes na própria escola. Trabalhávamos com ela e no cotejo com o cerrado no entorno da escola. Caso as escolas que não possuíam horta, arriscava-nos, quando possível, a construção de uma. Na impossibilidade, era certa a nossa saída para trabalhar o bioma de cerrado. Poderia citar aqui outras aulas diferenciadas que já fiz no decorrer da minha carreira, e sempre me pareceu muito fácil, mas nunca em minha vida havia dado aula a distância, sem o contato olho a olho com o estudante. Creio que, a barreira feita com mediação tecnológica, na busca de aprendizagens entre pessoas, inclui perdas definitivas naquilo que se constitui centralidade de qualquer ensino: a construção da alteridade face a face com a/o outra/o.

A pandemia do covid19 nos trouxe um grande desafio nos anos letivos de 2020 e 2021. Ao retornarmos após a quarentena, a grande dúvida era “o que fazer agora?” Eu sofri muito. Me desesperei no começo. Achei, inclusive, que não iria dar conta. Me inscrevi em diversos cursos *on-line* para aprender como preparar aulas remotas. Muito do que consegui aprender nesses cursos, como fazer vídeos curtos, kahoot, podcast, gravar aulas no Google Meet e Zoom, subir aula na plataforma, enfim...consegui aplicar com maior eficiência durante as minhas aulas na escola particular, tendo em vista que na escola pública menos de 40% dos estudantes, segundo dados da própria Secretária de Educação, não possuem acesso efetivo à internet.

Outro grande desafio, foi preparar material inédito de forma rápida para disponibilizar aos estudantes que não podiam acessar as aulas *on-line*. Começamos novamente estudar coletivamente, e a separar material. Ficávamos horas, incansáveis, selecionando, resumindo e construindo um material que fosse acessível e de fácil compreensão aos estudantes, visto que boa parte não teria ninguém para explicar o conteúdo e sanar suas dúvidas: não tinham acesso a nós, pela internet.

Me perguntei: como esses estudantes irão aprender sozinhos? Como construirão conceitos básicos de Matemática, Português, Química, Física, Biologia, Geografia, História, Filosofia e Artes? Será que um dia conseguirão recuperar isso que ficou para trás? São tantas incógnitas neste momento que a cabeça dói somente em pensar, o sequestro que lhes impomos, com certeza sanável, caso houvesse disponibilidade pública de meios de acessibilidade.

Material organizado, prontos a voltarmos ao ensino remoto, nos deparamos com outra grande mudança. Nós professoras (es) perdemos nossa privacidade, tornamos público nosso número de telefone, nosso e-mail e WhatsApp, para que conseguíssemos atender nossos estudantes. E dia e noite somos surpreendidos com mensagens dos estudantes querendo tirar dúvidas dos conteúdos ou, até mesmo, por suas famílias querendo pedir ou justificar algo. O nosso tempo de aula mudou das horas diárias, para 24 horas por dia e 7 dias na semana. Apesar de estarmos trabalhando mais que dobrado, ainda temos que ouvir de algumas pessoas e da imprensa perversa, que não trabalhamos nessa pandemia.

5 Escola pública x escola privada

Fazer educação é um ato muito complexo. Envolve pessoas e essas, distintas por natureza, por terem um *corpo próprio*, irrepetível e único - singulares em essência, são ao mesmo tempo por sua criaturidade de natureza, também absolutamente universais. Ao envolver seres complexos, distintos e universais, devemos pensar em uma educação distinta, mas esta deve desenvolver conhecimentos para todos e todas sobre toda a riqueza do universo.

A cultura escolar brasileira parece um grande rizoma. Anastomosadas as 'raízes' e nódulos resistentes e disformes, enrolados em si mesmos, sem que se possa distinguir o principal e o secundário; parecem referir-se ao paradigma de uma estética, cuja finalidade prática ostensiva, demite qualquer padrão combinatório de simetria, harmonia e beleza, em favor da fixação oportunista ao chão onde se encontra. (PASSOS, 2003 p.236)

Apesar da sua complexidade, não podemos conceber a educação como um projeto elitista onde apenas uma minoria consiga usufruir dos seus frutos. Ela deve ser antes de tudo libertadora, como afirma Freire (1987, p.48), mas jamais, realizada em uma mão única, necessitando, portanto, do envolvimento de tod@s. E isso está sendo a principal dificuldade encontrada pel@s professoras/es nesse período de pandemia.

Segundo dados do INEP, quase 100% das escolas brasileiras suspenderam as aulas presenciais em 2020, no início da pandemia. As escolas particulares, porém, logo conseguiram

se adaptar a situação de pandemia, para dar continuidade às aulas de forma remota, através da utilização das mídias digitais. Demonstra que, os recursos públicos investidos na Educação, infelizmente, foram transferidos valores para poupanças privadas; de sorte que, não foi possível realizar completamente o processo de equivalência das ofertas de educação ao empobrecidos, necessitados, e cumprir a função pública do Estado da Educação Pública, que sequestrou recursos do trabalhador, e de seus suores, também das professoras e professores da rede pública, para contas privadas, em grupos internacionais monopolistas.

Existe um debate nas ciências sociais sobre se a verdade e a qualidade das instituições de uma dada sociedade se conhecem melhor em situações de normalidade, de funcionamento corrente, ou em situações excepcionais, de crise. Talvez os dois tipos de situação sejam igualmente indutores de conhecimento, mas certamente que nos permitem conhecer ou relevar coisas diferentes. Que potenciais conhecimentos decorrem da pandemia do coronavírus? (SANTOS, 2020, p.05)

A pandemia da Covid19, sublinhou ainda mais as desigualdades entre a estrutura das escolas públicas e privadas; e, principalmente, sobre a forma assimétrica de acesso ao conhecimento, entre os estudantes dessas duas instituições.

Os estudantes das instituições particulares continuaram com acesso direto as aulas e as professoras (es), embora de forma remota, para sanar as suas dúvidas. Aqueles que tiveram maiores dificuldades na assimilação dos conteúdos, contavam, nesse período, com o auxílio dos pais ou de algum familiar, tendo em vista que condição financeira desses indivíduos permitia que estes pudessem cumprir quarentena em casa, auxiliando assim, seus filhos (as) nesse processo de aprendizagem. Outros tinham a oportunidade de contratar algum professor particular para dirimir as dúvidas, mesmo que isso fosse feito de forma remota. Mas os estudantes das escolas públicas não contavam com o mesmo recurso, que compensassem as perdas.

Então, como foi a realidade dos mais pobres nessa volta as aulas? Como a escola pública lidou com isso? As escolas públicas estaduais pararam suas atividades em março de 2020 e só retornaram em agosto do mesmo ano, quando o governo e secretaria estadual de educação conseguiram organizar as aulas remotas. Se considerarmos apenas o período sem aula nas escolas públicas estaduais, já conseguimos evidenciar a enorme desigualdade entre os estudantes das duas escolas. Os estudantes das escolas particulares também pararam de frequentar a escola no modelo presencial em março de 2020, no entanto, estes perderam apenas 15 dias de aula, pois a adaptação rápida dessas escolas permitiu que estes logo voltassem as aulas no sistema remoto. Já os estudantes que frequentam as escolas públicas (escolas

estaduais⁵), ficaram sem nenhum tipo de aula por cerca de **150 dias**, quando também voltaram de forma remota. Essa realidade nos faz refletir e nos traz dúvidas em como os estudantes de escolas públicas irão recuperar esse atraso no seu processo educacional?

Essa indagação nos obriga a refletir e a buscar uma maior consciência política, de que precisamos mais do que nunca lutar por uma educação pública de qualidade para todos, para que os mais ricos não continuem sempre à frente dos mais pobres. Paulo Freire, não permite que nos iludamos, por má fé:

[...] é neste sentido também que, tanto no caso do processo educativo quanto no do ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno **de a favor de quem e do quê**, portanto **contra quem e contra o que** fazemos a educação e de **a favor de quem e do quê**, portanto **contra quem e contra o quê**, desenvolvemos a atividade política. Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação e a política. (FREIRE 1989, p. 15–16, grifos nosso)

Para Freire, a educação precisa estar a favor da vida, da igualdade, da ética e dos mais necessitados. São os setores oprimidos que podem avaliar nossa ação política, sem fantasias e discursos vazios. Não adianta dizermos que a educação é um direito de todos, quando muitos não conseguem ter acesso a ela, por processos explícitos voltados à destruição dos pobres e destituído de acessos a valores públicos, por sequestro, escondimento e roubo de sua força de trabalho. O governo faz de conta que as aulas lá estavam nas plataformas para serem acessadas, e que foram os estudantes que não acessaram. Isso não é verdade, muitos querem, no entanto não conseguem. Temos que reconhecer que vivemos em uma sociedade desigual, e que se consagra a ampliar a desigualdade por má fé e cinismo. É importante reconhecermos que fazer educação é um ato político.

Para Freire e Merleau-Ponty – a educação não pode ser qualquer coisa, ela precisa ser um ato de libertação e integração, para a formação de uma sociedade voltada à comunhão, justa e fraterna.

⁵ As escolas estaduais terminaram o ano de 2019 em fevereiro de 2020, em função de uma greve. Pretendiam começar o ano letivo de 2020 em março, quando começou a pandemia. Como demoraram para se organizarem, esses estudantes só tiveram aulas de agosto a dezembro de 2020.

6 Retorno das atividades nas escolas pública e privadas

Nas escolas particulares, as aulas foram retomadas no modelo híbrido no começo de 2021. Para tanto, passaram a utilizar sistemas de biossegurança, como tapetes sanitizantes, aparelhos para aferir temperatura, álcool espalhado por toda a escola, pias com sabão, uso de máscara obrigatório e distanciamento social. Os estudantes voltaram em turmas reduzidas de forma escalonada, em que metade de cada turma compareciam nas aulas uma semana, enquanto a outra metade da turma ‘assistiam’ a mesma aula, gravada e transmitida simultaneamente em suas casas, caso pudessem acessá-la! Na outra semana acontecia tudo da mesma forma, os que estava em casa vinham para a escolas e os que estavam na escola, ‘assistiam’ as aulas on-line. No início foram poucos estudantes que compareceram às aulas presenciais. Trabalhei com apenas um estudante em sala! Com o avanço no processo de vacinação, o número de alunos retornando nas aulas presenciais foram aumentando gradativamente.

Em um primeiro momento do retorno presencial, eu sentia medo incontrolável, que me fazia não querer chegar perto dos estudantes e colegas e não permitia que ninguém chegasse muito perto de mim. Passei a usar no período das aulas duas máscaras. Não fazia refeições na escola e às vezes até passava sede para não ter que tirar a máscara. Acho que assim como muitas outras professoras (es) fiquei meio neurótica, tendo em vista que sempre recebia notícia de amigos, parentes e conhecidos que haviam morridos ou que estavam muito doentes por terem contraído o vírus da Covid19.

No entanto, tive que me adequar a situação, tendo em vista que as máscaras abafam a voz e as professoras (es) tinham que usar microfones para auxiliar no processo, mas os estudantes não usavam, então quando eles tinham dúvidas e perguntavam tínhamos que chegar muito próximo deles para ouvir. Isso me causava pavor no começo, hoje já me acostumei.

As escolas públicas estaduais, retornaram suas aulas de forma híbrida em agosto de 2021, enquanto que as municipais, só retornarão à aula híbrida a partir de outubro de 2021, quando todos os profissionais que atuam nas escolas estiverem imunizados⁶ com as duas doses da vacina. A questão do protocolo de biossegurança foi bem parecido com a que aconteceu na

⁶ Duas doses de vacina não necessariamente imunizam. É forma antipolítica do atual estado no poder, que confere o que não pode conferir, segundo as pesquisas da FIOCRUZ. O fato de termos um vírus mutante, e nosso corpo ser como diz Merleau-Ponty SINGULAR, jamais se pode estender uma forma do sistema imunitária como se fosse a reprodução definitiva que assegura imunidade. É importante ter essa certeza incerta a expor as pessoas ao conto que pode confirmar morte após duas ou três vacinas. A estatística mundial mostra desde os trabalhos da época de sessenta que não temos o mesmo corpo, nem a mesma imunidade que já tivemos. Um vírus é sempre surpreendente (Luiz Augusto Passos).

escola particular, mas a dinâmica das aulas ocorre de forma distinta, pois não há transmissão simultânea das aulas.

Assim como nas escolas particulares, nas públicas também ocorreu um escalonamento, onde as turmas foram divididas em grupos e a cada semana um grupo comparece às aulas, enquanto os demais permanecem em casa estudando com auxílio de apostilas ou atividades no livro didático. O plantão tira dúvidas é realizado meia hora todos os dias antes de começar as aulas.

Ademais não podemos deixar de salientar aqui, que ainda não temos como mensurar a construção do conhecimento nesse momento de pandemia. Isso porque no ano de 2020 e metade de 2021 as avaliações foram remotas e apesar de sabermos que as notas não representam o conhecimento dos estudantes, também sabemos que muitos *desaprenderam* de estudar, fazendo as avaliações e trabalhos com o auxílio da internet, livros e/ou outras pessoas.

É, enfim, um grande desafio pensar a educação nesse período de pandemia. Ainda não sabemos como vai ser isso, quais os outros meios que poderemos criar para construir conhecimentos e como fazer aulas mais dinâmicas de envolvimento mútuo.

7 Considerações finais

Acredito que ainda não seja possível fazer considerações finais desse período pandêmico que estamos vivenciando. Somente será possível após um determinado tempo e com intensificação de muito estudo.

Neste novo formato, não conheço mais a maioria dos meus estudantes, não sei dos seus anseios e sonhos e não consigo fazer aulas diferentes para turmas que eu não conheço. Tudo ainda é muito turvo, pois como afirma Merleau-Ponty (1991, p. 101), “é na experiência do outro, mais claramente do que na da palavra ou do mundo percebido, que apreendo inevitavelmente meu corpo como uma espontaneidade que me ensina aquilo que não poderia saber a não ser por ela.”

Mas de tudo isso, uma coisa já podemos concluir, a desigualdade de renda aumentou ainda mais o fosso de acesso aos conhecimentos entre os estudantes das escolas públicas e privadas. Como já citei no corpo desse artigo, algumas disciplinas são quase impossíveis para os estudantes aprenderem sozinhos e para muitos, esses tempos sem estudar com as professoras (es) dificilmente será recuperado. Como um estudante de escola pública que quase não viu

física, química, biologia e matemática no Ensino Médio, conseguirá acompanhar as aulas em um curso de medicina ou engenharia em uma universidade? Essas instituições também terão que repensar suas formas de atuação para atender esses estudantes que chegarão em seus campi a partir de 2022.

Os desafios no futuro são imensos, valem para todas as áreas. Teremos que nos adaptar ao uso das novas tecnologias. Outras precisarão inventar formas de driblar ausências, perdas para continuar atuando. E a educação é, foi e será, um constante desafio. Precisamos buscar soluções para que todos consigam aprender e se desenvolver plenamente. Afinal é esse o nosso propósito de educador. É falso, todavia que os problemas se situam nas pessoas, seja no educador, seja no educando. E é falso acreditar que sem políticas públicas haja quaisquer possibilidades de mudanças de horizontes. A luta precisa ser coletiva, de todas (os) em favor de uma sociedade que produza e inclua todas e todos os direitos humanos e da terra. Os Direitos da Terra, incluindo todos os organismos, inclusive bactérias e vírus, mencionado de maneira feliz por Fritjof Capra, quando disse que sofre mais um vírus na mão de uma pessoa humana, do que uma pessoa humana na mão de um vírus. A natureza sempre nos precederá por direito de nos ter criado e permitido e sustentado, apesar de tudo, nossas vidas. Por quanto tempo? A resposta precisa ser nossa, sem excluir ninguém.

Quero evocar, contudo o que foi a centralidade da busca deste trabalho acima, neste mesmo texto. “Eu sabia dar aula, mas eu só sabia fazer de forma presencial, porque para mim, sempre a aula era o envolvimento, o olho no olho! Era neste movimento que me permitia avaliar se eles estavam compreendendo o que eu estava falando. Essa concepção se coaduna com as orientações teórico-metodológicas de Maurice Merleau-Ponty (2006, p. 3) pois ele também acreditava que “todo universo da ciência é constituído sobre o mundo vivido[...]”.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Notícias. [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/divulgados-dados-sobre-impacto-da-pandemia-na-educacao>. Acesso em: 03 set. 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo, SP: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmica dos nossos tempos 4).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessário à prática educativa.** São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousar ensinar.** São Paulo, SP: Olho d'água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos.** São Paulo, SP: Editora UNESP, 2000.

IBGE. Disponível em: [Agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29431-sintese-de-indicadores-sociais-em-2019-proporcao-de-pobres-cai-para-24-7-e-extrema-pobreza-se-mantem-em-6-5-da-populacao](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29431-sintese-de-indicadores-sociais-em-2019-proporcao-de-pobres-cai-para-24-7-e-extrema-pobreza-se-mantem-em-6-5-da-populacao). Acesso 07 set. 2021

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos.** Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. 1. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Primado da Percepção e suas consequências filosóficas.** Tradução: Silvio Rosa Filho e Thiago Martins - 1. ed. reimp. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2017.

PASSOS, Luiz Augusto. **Currículo, Tempo e Cultura.** 407 f. Doutorado em Educação e Currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paul, SP, 2003

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus.** Biblioteca Nacional de Portugal. Edições Almedina, S.A, 2020.

SATO, M et al; **Os condenados da pandemia.** Cuiabá: GPEA, UFMT & Ed. Sustentável, 2020.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** 3. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.